

A nova epistemologia da educação: diálogo e sentido na interdisciplinaridade

Daniel Henrique Faustinoⁱ 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN, Brasil

Jean Mac Cole Tavares Santosⁱⁱ 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN, Brasil

Josélia Carvalho de Araújoⁱⁱⁱ 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN, Brasil

1

Resumo

Este artigo tem como objetivo levar os seus leitores a questionar a forma como encaram e aplicam a temática da interdisciplinaridade em suas aulas, e no cotidiano de suas escolas. As reflexões contidas aqui transpassam três dimensões da educação: prática pedagógica, reflexões cotidianas e posicionamento político diante a vida docente. Para assim apresentarmos umas das muitas possibilidades de se aplicar a interdisciplinaridade no ensino, criando diálogos férteis entre as ideias de Paulo Freire, Edgar Morin e Ivani Fazenda, defendemos que a interdisciplinaridade vai além de um conceito pedagógico, aplicando-se como uma postura diante da vida, criando pontes entre o cotidiano dos alunos e o conhecimento escolar. Demonstrando assim a interdisciplinaridade como um caminho possível para uma aprendizagem mais humana, crítica e integrada com a realidade. Deixando de ser um conceito abstrato e se tornando uma prática diária.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Educação Transformadora. Prática Docente. Paulo Freire. Saberes Populares.

The new epistemology of education: dialogue and meaning in interdisciplinarity

Abstract

This article aims to lead its readers to question how they perceive and apply the theme of interdisciplinarity in their classes and in the everyday life of their schools. The reflections contained herein transcend three dimensions of education: pedagogical practice, everyday reflections, and political positioning in relation to teaching life. In doing so, we present one of the many possibilities for applying interdisciplinarity in teaching, creating fertile dialogues between the ideas of Paulo Freire, Edgar Morin, and Ivani Fazenda. We argue that interdisciplinarity goes beyond a pedagogical concept; it serves as an attitude towards life, building bridges between students' daily lives and school knowledge. Demonstrating thus that interdisciplinarity is a viable path for a more human, critical, and integrated learning experience with reality. It stops being an abstract concept and becomes a practice.

Keywords: Interdisciplinarity. Transformative Education Teaching Practice. Paulo Freire. Popular Knowledge.

1. Introdução

O mundo não se organiza em caixinhas separadas, nossa vida é uma teia de experiências conectadas onde cada vivência se entrelaça com múltiplos saberes. Ainda assim, a escola ainda insiste em fragmentar o conhecimento, tratando as disciplinas de formas isoladas. Assim, esse texto nasce justamente da urgência de repensar essa lógica. A interdisciplinaridade é aqui compreendida de uma forma mais natural e humana com objetivo de conhecer e transformar o mundo.

2

Uma analogia interessante para se entender como a interdisciplinaridade funciona é imaginar um rio que corre por paisagens variadas absorvendo um pouco de cada lugar por onde passa. Ao fluir, ele se transforma, se modifica e se enriquece. Ao conseguir trazer essa visão para a sala, a aprendizagem de forma interdisciplinar ganha forma, ficando mais conectado, fazendo sentido para a realidade dos alunos. Mas transformar essa ideia em realidade é um desafio para muitos professores que se deparam com obstáculos na estrutura educacional, nos currículos e até na própria formação.

Assim, a ideia de interdisciplinaridade aqui proposta, surge como algo mais do que uma simples prática pedagógica. Ela é uma necessidade urgente, tanto para o ensino quanto para entendermos o mundo à nossa volta. Não é só uma proposta, mas uma possível resposta para alguns dos problemas que a sociedade enfrenta, problemas que não cabem em uma única estrutura disciplinar.

A grande questão que nos move aqui é, por que, mesmo sabendo o quanto a interdisciplinaridade é importante, ainda é tão complicado colocá-la em prática nas escolas? Abordaremos essa problemática por três ângulos diferentes: a interdisciplinaridade como algo que se faz no dia a dia da sala de aula, como um convite à reflexão constante e como uma atitude que transforma. E, inspirados pelo pensamento de Paulo Freire, buscaremos os caminhos possíveis para uma educação que faça sentido, conecte saberes e transforme vidas.

2. O que realmente significa ensinar de forma interdisciplinar?

A interdisciplinaridade vai além da ideia simplista de apenas juntar disciplinas diferentes em uma mesma aula. É preciso pensá-la como uma dança de saberes: cada disciplina mantém sua essência, se conectando com outras áreas do saber. É preciso imaginar que este conceito está sempre em movimento, se transformando, e sua importância só cresce, tanto na pesquisa acadêmica quanto nas práticas de ensino que buscam uma verdadeira mudança social.

Essa forma de pensar propõe que a gente quebre com aquela visão antiga, fragmentada do conhecimento. A ideia aqui é construir maneiras mais integradas, questionadoras e conscientes de entender a realidade. Em vez de olhar a realidade por perspectivas isoladas, a interdisciplinaridade nos convida a ver o todo.

Na prática, imagine um professor de Geografia que, ao falar sobre a seca no Nordeste, consegue unir conhecimentos da Biologia (sobre os ecossistemas), da História (a ocupação da região e as políticas públicas), da Literatura (como a vida no sertão é retratada), da Matemática (com gráficos e dados) e das Artes (as expressões culturais locais). Nesse processo, o educando deixa de apenas decorar informações e começa a desenvolver uma compreensão mais profunda, sensível e crítica.

O destaque é dado, sobretudo, à multiplicidade de saberes interdisciplinares, derivados da complexidade do ser humano, do seu pensamento, da sua natureza e do mundo hodierno, de modo a contemplar uma visão holística e menos fragmentada da realidade. Para tanto, se faz urgente a apropriação dos conceitos e princípios que sustentam a construção da interdisciplinaridade para que sejam de fato aplicados nos diversos campos do saber e da prática profissional (Souza; Santos; Costa, 2020, p. 1).

Essa perspectiva dialoga diretamente com a teoria do pensamento complexo de Edgar Morin, que defende a união entre os saberes, situando-os em seu contexto mais amplo. Para Morin, é preciso substituir o pensamento que separa por um pensamento que religa, e a interdisciplinaridade é esse caminho para enxergar o global e o essencial. É importante ressaltar que a interdisciplinaridade não nega o valor das disciplinas. Ao contrário, ela as reconhece e valoriza, mas propõe que dialoguem entre si.

Por isso, transformar a interdisciplinaridade em prática pedagógica real implica enfrentar desafios importantes. Que vão desde currículos rígidos, falta de tempo para planejamento colaborativo e estrutura escolar fragmentada, e até dificuldades na formação docente que ainda privilegia a especialização isolada em detrimento do diálogo entre saberes. A superação dessas barreiras é fundamental para que a interdisciplinaridade deixe de estar apenas no campo das ideias como uma metodologia e passe a se tornar uma prática real e concreta capaz de enriquecer o aprendizado e promover uma formação crítica, humana e integrada.

3. A reflexão que transforma o ensinar e o aprender

A interdisciplinaridade não é uma técnica ou um método a ser aplicado de forma pontual. Ela é uma postura, um olhar sensível e investigativo que o educador cultiva no cotidiano. É aquele momento em que o professor, ao planejar sua aula, se pergunta: “Como este conteúdo pode dialogar com outras áreas do saber? Como posso torná-lo mais próximo da vida dos meus alunos?”. Mais do que uma estratégia didática, a interdisciplinaridade configura-se como um exercício reflexivo diário e um posicionamento político, que questiona, conecta e ressignifica os saberes. Rompendo com os limites rígidos das disciplinas para desenvolver um sentido mais amplo, construído em diálogo com o mundo vivido.

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo - ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo. É uma mania de ver possibilidade na utopia e utopia na possibilidade. Mania de tornar o uno em múltiplo e o múltiplo em uno e de tornar o anônimo em identidade e a identidade em novo anônimo. Mania de periodizar só para fazer história. Mania que é postura de sempre pretender a produção em parceria (Fazenda, 2017, p. 33).

Essa atitude reflexiva é essencial para que as experiências de ensino se tornem aprendizagens significativas. No entanto, tornar essa reflexão uma prática consistente enfrenta inúmeros desafios. Como mostram Peres (2010) em sua obra "A

formação docente e os desafios da prática reflexiva”, muitos professores reconhecem a importância de uma formação contínua e crítica, mas os mesmos nem sempre conseguem investir nesse caminho. Muitas vezes, ações pontuais e criativas convivem com práticas reprodutivistas, resultando em tensões constantes. A ausência de tempo, a sobrecarga de trabalho, a pressão por resultados imediatos e a falta de apoio institucional minam os espaços de diálogo e cooperação entre educadores.

5

As instituições escolares ainda não oferecem as condições necessárias para que os professores efetivem tal processo em sua prática cotidiana. Há uma desarticulação entre teoria e prática, expressa na tensão entre as propostas de inovação e a realidade da sala de aula” (Peres et al., 2010, p. 20).

Transformar este ímpeto em ação concreta exige enfrentar tanto barreiras subjetivas como visões já estabelecidas sobre o ensino disciplinar, condições de trabalho e a cultura escolar fragmentada. A interdisciplinaridade, nesse sentido, não é uma técnica a ser aplicada mecanicamente, mas um compromisso ético, intelectual e político com a educação como espaço vivo de criação de sentido.

Para o estudante, vivenciar esse tipo de ensino significa aprender de forma ampla, conectada e criativa. Em vez de montar um quebra-cabeça de conhecimentos, ele começa a perceber as conexões que atravessam os saberes, por exemplo “a literatura ajuda a compreender um período histórico, a matemática aparece na harmonia de uma canção, as questões ambientais convocam a biologia, a química, a geografia e a ética”. Assim, o conhecimento se torna uma ferramenta real de compreensão e interpretação do mundo.

4. Quando ensinar torna-se um ato político e transformador

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a simples leitura desta não signifique, necessariamente, que a leitura daquele se faça. A simples leitura da palavra não garante a leitura da realidade” (Freire, 2021, p. 28). Quando Freire traz essa reflexão sobre ler o mundo e as palavras, ele nos lembra que o verdadeiro aprendizado é aquele que nos fornece as ferramentas para entender e transformar a

nossa realidade. A interdisciplinaridade, aplicada de forma plena, não é apenas um exercício intelectual ou uma técnica metodológica. Ela se apresenta como um posicionamento político e crítica em relação à sociedade, ao saber e à própria educação escolar.

6

O ato de educar não é o de transferir conhecimento, mas o de criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. E essa produção e essa construção se fazem a partir da reflexão e da ação dos sujeitos sobre o mundo para transformá-lo. Nela, o sujeito, percebendo-se como ser histórico-cultural, em processo de devir, reflete sobre sua própria situação, sobre a situação de seu mundo, e, a partir daí, busca a transformação (Freire, 2021, p. 77).

Como Silva e Auler (2017) apontam, a perspectiva freiriana da interdisciplinaridade não se limita a uma metodologia técnica. Pelo contrário, é uma ação política-educativa que busca alterar as limitações impostas pelas estruturas sociais, assim, a interdisciplinaridade se converte em uma postura diante da vida e da realidade sociocultural. Reconhecendo que questões complexas como a desigualdade social ou as alterações climáticas não podem ser compreendidas e resolvidas por um único viés. O conhecimento, não é imparcial, ele está infectado de propósitos e consequências políticas.

A interdisciplinaridade não deve ser compreendida apenas como uma etapa na estrutura curricular, mas como uma forma de pensar, que valorize a complexidade do que é real e a necessidade de uma abordagem ampla e dialógica para decifrar e modificar a realidade. Para Paulo Freire, noções como totalidade, contradição, práxis, dialética e diálogo são cruciais para que a interdisciplinaridade se manifeste como um ato político. Buscar totalidade significa ir além da fragmentação do conhecimento, é entender os fenômenos em suas múltiplas dimensões. Pense, por exemplo, em um educador que, ao estudar a água, consegue abordar seus aspectos científicos, históricos, econômicos, sociais e ambientais. Isso promove uma compreensão muito mais completa.

A práxis, a união inseparável entre teoria e prática, é o que impulsiona a interdisciplinaridade crítica, afinal, o conhecimento só ganha sentido quando serve para transformar o mundo. No entanto, todo esse potencial enfrenta obstáculos bem

concretos. A cultura escolar com sua organização que muitas vezes se encontra engessada, e a obsessão por avaliações padronizadas dificulta a implementação de práticas integradas e que estimulem o pensamento crítico. Essas barreiras, vêm das próprias estruturas de poder dentro da escola, da autonomia limitada dos professores e da pressão por resultados que podem ser medidos em números. O diálogo, pilar fundamental no pensamento de Freire, é essencial para a interdisciplinaridade. Contudo, a rotina pesada dos professores, o grande número de alunos por turma e a ausência de espaços formais para um planejamento colaborativo acabam por dificultar a construção de práticas verdadeiramente dialógicas e integrativas.

Desse modo, adotar a interdisciplinaridade como uma postura política e crítica significa, lutar contra as condições que impedem sua plena realização. É questionar as estruturas de poder e empoderar as pessoas para que se tornem as protagonistas de suas próprias histórias.

5. Entre o discurso e a realidade

A BNCC e a LDB funcionam como mapas para a educação brasileira. Tendo como um dos objetivos em comum, fazer com que o conhecimento não seja visto de forma fragmentada, mas sim como um todo, conectado, entendendo que todo e qualquer conhecimento está interligado. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, ao organizar o Ensino Médio em grandes áreas do conhecimento, já nos oferece uma indicação clara: o objetivo é que as diferentes disciplinas dialoguem entre si, atribuindo maior sentido ao aprendizado ao evidenciar as conexões entre o que se aprende na escola com a realidade do mundo do educando.

A aplicação da interdisciplinaridade no cotidiano escolar ainda é um desafio, que evidencia a lacuna existente entre o que está nos documentos oficiais e o que de fato ocorre em sala de aula. Mesmo com o esforço por parte dos professores, transformar de verdade a forma de ensinar ainda é um desafio, um dos maiores problemas está na nossa formação, que por vezes, não tem a preparação adequada para trabalhar com essa visão mais interligada do conhecimento.

A fragmentação do conhecimento nas escolas é um desafio que se impõe à formação docente, tanto a inicial quanto a continuada, demandando do professor a superação do conhecimento compartimentado e o desenvolvimento de uma prática reflexiva e contextualizada (Souza; Santos; Costa, 2020, p. 2).

8

Como Souza, Santos e Costa (2020) nas mostras, e também várias outras análises sobre a BNCC, a formação inicial e continuada dos educadores ainda não é suficiente. Falta aperfeiçoamento para lidar com a flexibilidade que o currículo pedagógico atual exige, e para integrar os saberes de uma forma que faça sentido para os alunos. Sem uma formação que incentive a reflexão diária sobre como o conhecimento é construído e que ofereça ferramentas práticas, os professores se sentem perdidos diante das novas exigências. E não para por aí: adaptar as propostas curriculares às realidades de cada lugar também é um grande desafio.

Mesmo a BNCC sendo um guia, ela pode acabar sendo aplicada de forma extremamente rígida, o que pode levar os educadores a ignorarem as particularidades locais e os contextos sociais e políticos de cada região e de cada escola, dificultando a criação de projetos e temas que realmente façam sentido para os alunos daquela determinada realidade. Outras dificuldades encontradas em sua plena aplicação, é a forma, em que as escolas no Brasil organizam o seu tempo, a gestão do currículo escolar, a falta de recursos e a cultura pedagógica que ainda enxerga o conhecimento de forma separada e autônoma, o que atrapalha muito a prática interdisciplinar.

Para que a educação interdisciplinar torne-se uma realidade e não apenas uma ideia, precisamos de mais do que apenas diretrizes bem escritas, necessitamos de condições concretas, uma formação continuada de qualidade para os professores, tempo para que possamos planejar de forma conjunta e colaborativa, flexibilidade no currículo para se adaptar às necessidades locais e recursos adequados. Sem essas garantias, a aplicação da interdisciplinaridade continuará apenas um sonho distante, algo presente nos documentos, mas ausente no cotidiano das escolas brasileiras.

6. Paulo Freire e a interdisciplinaridade

Conceitos como diálogo, práxis, conscientização e tema gerador são fundamentais em uma educação que busca a integração, ou seja, uma educação com bases interdisciplinares. Essas ideias de Paulo Freire, são a base para se entender a proposta de interdisciplinaridade presente neste artigo, pois sua visão de educação como um caminho para a liberdade, nos ajuda a superar os obstáculos que separam o que se aprende na escola da vida real.

9

O diálogo, por ser o modo de ser de um sujeito que se faz no e com o outro, possibilita a percepção do tema gerador, desvelando-se a realidade como objeto de análise crítica. E a partir dessa percepção, o homem, em atitude de reflexão-ação, supera a sua ingenuidade frente ao mundo, assumindo uma postura de práxis, que é a unidade entre a teoria e a prática, entre a reflexão e a ação (Freire, 2018, p. 121).

Entender suas ideias é fundamental para ver a interdisciplinaridade não só como uma técnica de ensino, mas como a base de uma educação que estimula e promove um pensamento amplo e crítico. Sendo assim, o aprendizado se dá quando os educandos são protagonistas de sua própria história e o conhecimento estabelece relações com a realidade que os cerca. O educador deve partir da realidade do educando, de seu mundo concreto, para formular problemas que conduzam à reflexão crítica e à ação transformadora.

O educador não é o que 'educa', mas o que, enquanto educa, é 'educado' pelo educando, que por sua vez se educa ao ser educado. Ambos se tornam, assim, sujeitos do processo em que crescem juntos e transformam a realidade. O educador problematizador, antes de 'doar' conhecimentos, 'problematiza' o mundo com os educandos, propondo-lhes os problemas de sua própria existência para que, juntos, os resolvam. O diálogo crítico, que é a essência da 'educação problematizadora', não apenas estimula a curiosidade, mas também a ação transformadora, a 'práxis' (Freire, 2011, p. 79-80).

Assim, conectando aprendizado à vida cotidiana, surge a ideia de “tema gerador”, problemas ou situações concretas da vida dos alunos, que desencadeiam o processo educativo, conectando o saber ao viver, desencadeando através de diálogos e reflexão crítica a criação de um conhecimento significativo e contextualizado.

Resultando no conceito de práxis, que une o que se pensa com o que se faz, crucial para a interdisciplinaridade. Não basta só falar sobre juntar os saberes, é preciso viver isso na prática e na sala de aula, em um ciclo contínuo de fazer, pensar e fazer de novo. Todas as problemáticas já citadas anteriormente podem fazer com que o discurso sobre a interdisciplinaridade e a prática real separem-se, levando a ações desconexas. Que levam o professor a questionar sua capacidade de promover a "leitura de mundo" que vem antes da "leitura da palavra".

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a simples leitura desta não signifique, necessariamente, que a leitura daquele se faça. A simples leitura da palavra não garante a leitura da realidade. A palavra, por sua vez, ao se tornar objeto de leitura, já se acha marcada pelo mundo que a precedeu (Freire, 2007, p. 19).

7. A interdisciplinaridade no cotidiano

A interdisciplinaridade aqui proposta se alimenta das experiências, das tradições e das várias realidades que fazem parte do mundo dos estudantes. É nessa união entre o que é acadêmico e o que é vivido que o aprendizado ganha força e sentido. Para fazer essa conexão com o cotidiano, o professor precisa passar por uma "desconstrução epistemológica", que nada mais é que questionar como o conhecimento é criado, validado e organizado em uma hierarquia.

Interdisciplinaridade não é uma nova metodologia de ensino. É uma atitude. A interdisciplinaridade é um modo de ser, uma atitude de abertura e de diálogo. A atitude interdisciplinar não nos permite acomodar-nos no 'certo', no 'concluído', no 'saber já sabido'. Ela nos incita à busca, à indagação, à descoberta, à problematização" (Fazenda, 2014, p. 24).

Como sugere Ivani Fazenda, a interdisciplinaridade é mais uma atitude do que uma técnica, é preciso ter uma postura de abertura, humildade e curiosidade diante do saber. Para o educador, isso significa repensar a origem do conhecimento e, a partir daí, construí-lo junto com a realidade dos alunos. Misturar o que é ensinado na escola com a vida real não é fácil, sabemos bem a dificuldade em quebrar a lógica

das matérias separadas, em valorizar o conhecimento prévio dos alunos, especialmente com a pressão de cumprir o conteúdo dos programas.

Quando o conhecimento escolar dialoga com a vida dos estudantes, quando os saberes acadêmicos se entrelaçam com os saberes populares, é quando a interdisciplinaridade aqui proposta se manifesta. Esta floresce nas vivências, nas tradições culturais e nas múltiplas realidades que compõem o mundo real. É nesse encontro entre conhecimento sistematizado e saberes do cotidiano, que a aprendizagem se torna significativamente crítica e transformadora.

11

A interdisciplinaridade não é um fim em si mesmo, mas um meio de superar a fragmentação do saber. Ela representa um modo novo de pensar, uma nova epistemologia, uma nova atitude, uma nova ética. Exige, de nossa parte, uma postura de humildade intelectual para reconhecer a finitude de nosso próprio saber e a necessidade de diálogo com o outro. É a busca de um saber totalizante, que não dispensa, no entanto, a especialização, mas a transcende no sentido de uma compreensão mais ampla, mais complexa e mais integrada da realidade (Fazenda, 2014, p. 19).

É acima de tudo um questionamento profundo sobre como o conhecimento é produzido, validado e hierarquizado socialmente, com uma postura ética e epistemológica de abertura, humildade e escuta diante do saber. Essa visão dialoga diretamente com o pensamento de Paulo Freire que diz que o ato de conhecer deve estar enraizado na experiência concreta dos educandos e orientado por uma curiosidade crítica que leve à transformação da realidade.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando o educador entra em sala de aula, deve estar ciente de que o educando não é uma página em branco. Ele já traz consigo um saber, um saber de experiência feito, que precisa ser considerado, respeitado e, se for o caso, problematizado (Freire, 2021, p. 24).

O educador é convidado a ser mediador de um processo dialógico horizontal, onde cada saber tem um lugar, desde que dialoguem entre si, de forma consciente e crítica. Promover essa prática não é simples, romper com a lógica disciplinar, para assim valorizar os saberes que os estudantes trazem de suas experiências. Florentino

e Rodrigues aprofunda essa discussão ao evidenciar como a formação docente, tanto inicial quanto continuada, ainda é fortemente marcada por uma visão tecnicista e conteudista, que desestimula abordagens mais abertas, críticas e integradoras.

12

Acreditamos que o papel que deve exercer o professor não pode ser reduzido a meras explicações de conteúdos e, muito menos, a avaliação de resultados. É preciso repensar a prática na busca da superação de um modelo tradicional, fragmentador e técnico, conduzindo à implantação de uma visão mais holística, isto é, uma proposta de Educação e de formação de professores mais abrangente, reflexiva e dialógica (Florentino; Rodrigues, 2015, p. 62).

A ausência desses espaços, que promove, uma formação reflexiva e dialógica contribui para a reprodução de práticas pedagógicas centradas na transmissão linear dos conteúdos que dificultam a construção da proposta interdisciplinar aqui debatida, é necessário que o educador seja também sujeito de um processo contínuo de aprendizagem, escuta e reconstrução dos próprios saberes.

8. Fundamentos, desafios e práticas na educação brasileira

A superação das dificuldades para implementar a interdisciplinaridade passa por ações articuladas em diferentes níveis, para que as dificuldades a sua implementação possam ser superadas, e acima de tudo, exige um compromisso político-pedagógico com a transformação da educação e da sociedade. Como já vimos anteriormente, adotar a interdisciplinaridade como princípio não é apenas uma escolha metodológica, exige a necessidade urgente de assumirmos um posicionamento.

A interdisciplinaridade não é um fim em si mesmo, mas um meio de superar a fragmentação do saber. Ela representa um modo novo de pensar, uma nova epistemologia, uma nova atitude, uma nova ética. Exige, de nossa parte, uma postura de humildade intelectual para reconhecer a finitude de nosso próprio saber e a necessidade de diálogo com o outro. É a busca de um saber totalizante, que não dispensa, no entanto, a especialização, mas a transcende no sentido de uma compreensão mais ampla, mais complexa e mais integrada da realidade (Fazenda, 2014, p. 19).

Uma escola que se propõe ser interdisciplinar precisa superar a lógica da divisão rígida de saberes e do isolamento entre professores. “A prática educativa democrática, que se funda no diálogo, no respeito à diversidade e na consideração pela pluralidade de saberes, exige uma autoridade democrática, não autoritária” (Freire, 2021, p. 153).

Como é lembrado por ele, é necessário ressaltar que a gestão democrática da escola não é um detalhe técnico ela é fundamental para que o diálogo, a colaboração e o respeito à pluralidade de saberes existam. Nas políticas educacionais, é indispensável a garantia de condições reais para a prática interdisciplinar. Não basta reconhecer sua importância em documentos oficiais, é preciso assegurar que os professores tenham tempo, espaço, recursos e apoio institucional para desenvolver projetos integrados e contextualizados.

A flexibilidade curricular deve ser acompanhada por um investimento concreto na valorização do trabalho docente com remuneração digna, redução da carga horária excessiva e garantia de tempo para estudo, planejamento coletivo e participação em formações significativas. A política educacional precisa deixar de tratar o professor como executor de programas prontos e passar a reconhecê-lo como sujeito histórico, crítico e criador.

Neste sentido, a pesquisa-ação, ao possibilitar ao professor um olhar investigativo sobre sua própria realidade, promove uma nova postura. O professor, concebido como intelectual, como autor e coautor de sua própria práxis pedagógica, deixa de ser um mero executor de currículos prontos para ser o mediador e transformador do processo educativo. O pesquisador em formação, ao investigar sua prática, não só a compreende de forma mais aprofundada, mas também a modifica (Almeida; Lopes, 2017, p. 121).

Na pesquisa e na socialização de práticas pedagógicas, é fundamental estimular redes de troca entre educadores, pesquisadores e comunidades. A prática interdisciplinar não se consolida por decreto, mas por processos coletivos e compartilhados. Criar espaços para que os professores relatem suas experiências, reflitam sobre suas dificuldades e celebrem suas conquistas é tão pedagógico quanto qualquer teoria. A pesquisa, nesse contexto, não pode se limitar à universidade: deve

estar a serviço da escola, alimentando a prática e sendo alimentada por ela, a interdisciplinaridade é possível quando há intencionalidade pedagógica e sensibilidade política.

Assumir a interdisciplinaridade como prática cotidiana é, portanto, um ato político. É decidir ensinar com o mundo, e não apenas sobre ele. É romper com o fatalismo que naturaliza as desigualdades sociais e as hierarquias do saber. É acreditar que a escola pode ser um espaço de transformação social e que, como diria Freire, “ensinar exige esperança” aquela esperança que se constrói na ação coletiva, na escuta mútua e na confiança radical no poder de cada sujeito de ser mais.

Mais do que implantar estruturas, adotar metodologias ou reorganizar horários, a interdisciplinaridade exige um gesto pedagógico profundo: olhar o mundo com olhos de quem deseja compreendê-lo para transformá-lo. E isso começa por dentro na consciência crítica do educador e no seu compromisso com a emancipação dos que ensinam e dos que aprendem. É nessa prática sustentada por amor, indignação e coragem que a escola deixa de ser reprodutora e passa a ser um espaço de reinvenção do mundo.

9. Conclusão

A interdisciplinaridade não é luxo nem modismo, é uma necessidade urgente e ética diante do nosso mundo, que é complexo e interligado. Os grandes desafios que enfrentamos hoje, seja na sociedade, no meio ambiente ou na cultura, pedem que a gente olhe para eles de forma múltipla, conectada e crítica. É um convite para que a educação vá além da divisão das matérias e se transforme em um verdadeiro motor de mudança.

Para os professores que topam essa jornada, o primeiro passo é simples e concreto: ouvir os alunos, reconhecer o que eles já sabem, buscar sempre aprender, registrar as experiências da sala de aula e não desistir diante das dificuldades. Para gestores e quem define as políticas de educação, a responsabilidade é criar as condições para que a interdisciplinaridade aconteça de verdade, com tempo para o

planejamento em conjunto, formação que converse com a realidade da escola, currículos mais flexíveis e valorização de práticas inovadoras.

Mais que um monte de regras, a interdisciplinaridade exige uma postura política e uma ética de cuidado com o conhecimento e com as pessoas envolvidas no aprendizado. Como vimos aqui, os problemas para colocá-la em prática são estruturais e institucionais. Eles só podem ser superados com uma ação coletiva e consciente, comprometida com uma educação mais democrática.

15

Assim, construir uma escola de fato interdisciplinar é, também, construir um mundo onde o saber não seja usado para excluir, mas para libertar e dar esperança. Que possamos assumir esse compromisso, individual e coletivo, de desatar os nós que ainda nos prendem a modelos antigos e abrir caminho para uma educação que dialogue com a vida, que respeite a diversidade e que forme pessoas críticas, autônomas e prontas para transformar a sociedade.

Referências

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, [s.d.].

FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade.** 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade:** história, teoria e pesquisa. 16. ed. Campinas: Papirus, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Edição especial. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **A Importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 66. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FLORENTINO, J. A.; RODRIGUES, L. F. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade na educação: desafios à formação docente. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 105-117, 2015.

GARRIDO, A. P.; LIMA, C.; PASQUALOTTO, L. **Perspectivas docentes e da coordenação pedagógica: desafios à realização da interdisciplinaridade no ambiente escolar.** 2017.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, 2010.

MELO JÚNIOR, H. G. et al. Práticas reflexivas na formação docente. **International Contemporary Management Review**, v. 5, n. 3, 2024. Disponível em: <https://icmreview.com/icmr/article/view/147>. Acesso em: 29 jun. 2025.

16

OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO – INSTITUTO UNIBANCO. Desafios da BNCC. **Em Debate**, 2023.

PERES, F. et al. Formação continuada de professores e o uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs) no ensino de ciências. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 1-22, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/1000/775>. Acesso em: 31 ago. 2025.

SHAW, G. S. L. Dificuldades da interdisciplinaridade no ensino em escola pública e privada: com a palavra, os educadores. **Cenas Educacionais**, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2018.

SILVA, J. P. da; AULER, D. A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica. **Katálisis**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 161-169, 2017.

SILVA, E. F. da; CUNHA, E. P. da; OLIVEIRA, N. G. de. A interdisciplinaridade e a problemática da água em escolas da educação básica do semiárido paraibano. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, Patos, v. 6, n. 3, p. 111-125, 2016.

SANTOS, M. A. dos; FURLANI, L. M. T. M. Gênero e diversidade na escola: o corpo, o lúdico e a diferença. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 156, p. 306-324, 2015.

SOUZA, M. E. de; SANTOS, W. M. dos; COSTA, M. F. O. A produção científica sobre a interdisciplinaridade: uma revisão integrativa. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698226532>. Acesso em: 31 ago. 2025.

TEIXEIRA, C. A. Interdisciplinaridade e matemática: principais dificuldades a partir da visão de professores e alunos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 9, 2021.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 545-554, 2008.

ⁱ **Daniel Henrique Faustino**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4884-4130>
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino, graduado em História, associação ampla entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

Contribuição de autoria: responsável pela concepção, pesquisa, redação e elaboração do artigo.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5497319350159229>

E-mail: daniel20251004144@alu.uern.br

ⁱⁱ **Jean Mac Cole Tavares Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7800-8350>
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Professor doutor, docente no Departamento de educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (Posensino – UERN/UFERSA/IFRN). Contribuição de autoria: orientação acadêmica, revisão crítica do conteúdo e sugestões metodológicas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4363681764477044>

E-mail: maccole@uern.br

ⁱⁱⁱ **Josélia Carvalho de Araújo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7513-6621>
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Geógrafa, Doutora em Geografia, docente no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (Posensino – UERN/UFERSA/IFRN).

Contribuição de autoria: supervisão didática, revisão e contribuição na discussão teórica relacionada à interdisciplinaridade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6959230069047497>

E-mail: joseliacarvalho@uern.br

Editora responsável: Arlene Stephanie Menezes Pereira Pinto.

Recebido em 02 de setembro de 2025.

Aceito em 28 de setembro de 2025.

Publicado em 08 de outubro de 2025.

Como citar este artigo (ABNT):

FAUSTINO, D. H.; SANTOS, J. M. C. T.; ARAÚJO, J. C. de. A nova epistemologia da educação: diálogo e sentido na interdisciplinaridade. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.